

UM LUGAR ESPECIAL

Anotações sobre o espaço no ensino de artes em uma escola especial



RAFAEL ARAÚJO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

UM LUGAR ESPECIAL

Anotações sobre o espaço no ensino de artes em uma escola especial

Rafael Araújo

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Blanca Brites - Orientadora

Prof. Dr. Celso Vitelli

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre, dezembro de 2015.

...ele é um onde. Nos rodeia e nos sustenta e o sustentamos e o rodeamos. Somos a sustentação do que nos sustenta e o limite do que nos limita. Somo o espaço em que estamos. (...) A fronteira de onde eu termino e começa o outro, o alheio, está em perpétuo movimento, em contínua erosão. Na medida que penetro em mim, me alieno a mim, ando dentro de mim como em um país desconhecido; é mais um país que se faz e desfaz sem cessar. O limitado limita todos limites. O espaço é pensável: apenas o tocamos e ele se desvanece.¹

¹ PAZ, Octávio. Sombras de Obras. 1983.

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... a calma, paciência e confiança da professora Blanca Brites, minha orientadora, que acreditou em mim nessa jornada;

... aos demais professores da Banca. Luciano Bedin, amigo de longa data e tantos encontros pelos caminhos, e Celso Vitelli, amigo mais recente, sempre muito atencioso;

... aos colegas e trabalhadores do Instituto de Artes e da Faculdade de Educação, aos quais me despeço enquanto aluno de graduação;

... aos familiares, pela paciência e compreensão;

... à minha companheira Amanda, minhas filhas, Valentinas A e B, e ao Martín.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAMINHOS PERCORRIDOS	8
CARTOGRAFAR NA ESCOLA ELYSEU	15
biografematizar.....	19
janelar.....	21
desenhar	24
vivenciar	27
O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	30
Espaço Físico.....	30
Espaço Artístico	32
Espaço Especial.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Estava eu um tanto bloqueado, diante de um texto que vinha truncado, sem conseguir dar fluidez, e até um pouco desmotivado e com dificuldades em enxergar soluções. O texto que me refiro é o momento anterior desse próprio TCC. Ele apresentava uma estrutura formal e mais academicamente esperada, previsível, por assim dizer. Foi quando deitado pra dormir (momento em que muitos pensamentos clareiam), tive um insight - pensei: Espera, eu posso escrever esse texto de uma maneira mais livre! Mais narrativo, relatando minha experiência de forma mais solta e por vezes até catártica. E com a estrutura formal acadêmica se mostrando de maneira mais verdadeira, autêntica à medida em que eu mesmo me estruturo na condição de narrador da minha vivência no ensino especial.

Pois justamente, se a metodologia a qual optei, a cartografia, permite que eu discorra da forma que eu considere mais apropriada; e se o curso que estou encerrando possibilita (espera-se) algo mais livre (ou seja, se existe algum curso do qual se pode esperar algo mais livre, esse curso tem lugar nas Artes Visuais, mesmo que nesse caso trate-se da Licenciatura em Artes Visuais). Assim, sinto-me autorizado a redigir o texto desta maneira: privilegiando uma maior fluidez e quiçá, pretensiosamente, torne-se um texto mais interessante. Isso não quer dizer que teremos um trabalho sem embasamento teórico - os referenciais estarão sim aqui citados, mas da maneira que me sinto mais a vontade, como se fora uma conversa. Aliás, acho que falo melhor que escrevo, embora saiba da diferença e respeite a formalidade acadêmica, que é o que espero que esteja presente neste trabalho.

Então aqui vou eu! Ou, aqui vamos nós! Luciano Bedin da Costa em sua tese de doutorado, citando Barthes, considera o texto "um gesto coletivo, sempre escrito e lido a várias mãos" (COSTA, 2011, p.26). Quando escrevemos, não estamos sozinhos, não está ali um indivíduo isolado, mas sim uma assembleia que fala junto conosco, pela via da nossa voz, da nossa escrita. Essa assembleia é composta por tudo e todos que já vimos, ouvimos,

lemos, e é justo que falemos juntos, ou que estabeleçamos um diálogo entre estas referências. Portanto, novamente, aqui vamos nós! Nessa escrita mais solta e, espero que, mais clara e elucidativa, mais interessante. Nem que, ao final, junto com a Profa. Dra. Blanca Brites, minha orientadora nessa jornada, possamos olhar para o texto e concluir que esse momento tratou-se de um simples e bom exercício de escrita, somando-se no todo, ao menos terei a consciência que esse exercício contribuiu para externar ideias e questões que desejo levantar com esse trabalho.

Esse é o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais. No início do corrente ano optei em dar continuidade aos assuntos que venho pesquisando, tais como espaço, deslocamento e saúde mental. O que pode parecer óbvio num primeiro momento, sinto que, na prática, não é tanto assim, quando vejo colegas com dificuldades em escolher o assunto a ser desenvolvido no TCC. Totalmente compreensível pela pressão e por se tratar de um desfecho de jornada tão importante que é a graduação, principalmente para quem a realiza pela primeira vez. Porém, pra mim ultimamente essas escolhas têm sido bem naturais.

Na realidade, praticamente não há escolha, o tema se mostra claramente como uma sequência dos atos que o precederam. Esse conselho especialmente veio do professor Flávio Gonçalves, orientador do TCC do Bacharelado², em 2008, quando naquela ocasião me disse (não exatamente com estas palavras) que o TCC é uma síntese natural do momento do graduando, ou seja, espera-se que o aluno venha seguindo uma linha de pensamento através dos semestres letivos, onde em cada semestre retoma-se o anterior agregando algo novo. Isso não impede que possa ocorrer algum desvio de percurso, mas esse desvio soma-se, e também será importante. Portanto todo esse histórico já percorrido não se apaga - permanece - e, de alguma maneira, sempre pode ressurgir em novas pesquisas.

² Bacharelado em Artes Visuais - Habilitação: Desenho pelo Instituto de Artes da UFRGS. Com o título Resíduos e Rasuras: re-significações e desdobramentos (2008). Orientação: Prof. Dr. Flávio Roberto Gonçalves.

Para essa etapa, portanto, no intuito de realizarmos um cruzamento das pesquisas anteriores (espaço, deslocamento, saúde mental) com o ano de finalização da Licenciatura em Artes Visuais, optamos por explorar as questões do espaço no que tange a educação. E o cenário ideal para a realização do Estágio de Licenciatura e o desenvolvimento dessa pesquisa não poderia ser outro: uma escola de educação especial, possibilitando que este aprofundamento seja observado pela perspectiva da educação especial.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.
Antonio Machado, Campos de Castilla, 1912.

Pois bem, tentarei resumir essa breve trajetória, acreditando na importância que tem para uma melhor fruição da atual pesquisa, bem como para conhecer um pouco dessa assembleia que fala comigo. Uma pequena, mas necessária curva para, ao final, sentirmos as coisas mais coerentes.

Meu interesse pelas artes intensificou-se quando comecei a frequentar os cursos do Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Essa busca ocorreu pois, enquanto aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC, no qual ingressei em 2001 e interrompi em 2004, pensei que deveria desenvolver um desenho mais livre e expressivo, quebrando um pouco a rigidez do desenho técnico. Fui tomando tanto gosto pela arte que decidi tentar o vestibular para a UFRGS. Ingressei no Instituto de Artes no ano de 2003 no Bacharelado em Artes Visuais - ênfase: Desenho.

Foi nas aulas da professora Isabel de Castro que tive um primeiro "estalo" artístico, quando senti que se abriu um interessante caminho a ser trilhado e, pasmem, não era por acaso, pois em meus trabalhos era fácil identificar a influência da faculdade a qual eu frequentara, anteriormente. Os trabalhos, mesmo em pequenas dimensões, tinham uma escala, uma proporção monumental. Podiam ser vistos como maquetes de grandes esculturas ou instalações, conceito que viria a ganhar força nos semestres seguintes. A questão do espaço começava a aparecer em meus trabalhos. Havia então naquele momento algo que me movia, que fazia sentido e me motivava a seguir trabalhando naquela linha de pensamento.

Na seqüência, com o professor Nico Rocha e suas metáforas e enigmas, comecei a "instalar" desenhos no espaço, usando muitos módulos, e estes tinham no processo grande importância. Fazia-se importante certa casualidade

no processo. Essa casualidade consistia em perceber e sentir possibilidades tanto no que tange aos suportes, retalhos de papéis e materiais em geral, como as possibilidades de inserção destes nos espaços. Estes materiais eram apropriados. Geralmente eram ordinários, descartes da sociedade de consumo, e chegavam a mim por acaso (ou pelo folclórico devir coletor acumulador que vai impregnando no artista, principalmente no artista em formação, muitas vezes vislumbrados com as possibilidades que a arte oferece). Um material que acabei utilizando repetidas vezes foi o papel adesivo que sobra das etiquetas. Outro foi um pigmento vermelho coletado, apropriado, por ocasião da desmontagem da Quinta Bienal do Mercosul, mais especificamente da obra *A Medida do Impossível*(2005) de Niura Bellavinha. A maneira de usá-los também era casual, ou forçadamente casual. Valendo-me de circunstâncias dadas nos materiais como palavras, informações a serem apagadas, determinando como seria o desenho. Quando não havia este tipo de pista, eram criadas espécies de anti-regras que propiciassem grafismos casuais, como por exemplo a sobreposição ordenada, ou caótica, dos papéis a serem interferidos.

Um dos motivos desses processos era justamente obter um desenho mais espontâneo, desconstruindo qualquer possibilidade de figuração ou traço mais previsível. Tudo isso que as crianças têm de sobra. Essa pureza e primitividade, que pude perceber melhor agora, em 2015, em função do Estágio de Licenciatura.

O processo seguia interessante quando essa produção era aplicada sobre paredes comuns ou aquilo que, a partir do conceito do cubo branco³ para museus, seria desinteressante. Ou seja, elementos que não eram bem-vindos nos espaços museais como, por exemplo, as aberturas internas (janelas e portas) do Museu do Trabalho (figura 1), ou mesmo, caso não fosse um espaço museal, a anotação, ou notação, de elementos arquitetônicos existentes.

³ O conceito do Cubo Branco surgiu para descrever o espaço da galeria moderna como sendo quase sempre um cubo de janelas lacradas, pintado de branco, limpo, para que ficasse livre de toda e qualquer experiência que não a estética. Em *No interior do cubo branco*, Brian O'Doherty (1976) criticou a idéia do Cubo Branco, que ao despirem as obras de sua historicidade, negou-se à arte o direito de participação na construção da realidade.



Figura 1 - Exposição A Novíssima Geração - Museu do Trabalho, 2008 (ao fundo, desenhos de Cláudia Hamerski).

Essa série de trabalhos foi instalada em outros lugares como o Espaço Ado Malagoli do Instituto de Artes da UFRGS⁴, bem como em alguns lugares talvez mais estranhos, mas que para meu trabalho seriam extremamente interessantes, como é o caso do Moinhos Shopping⁵.

Esta etapa do bacharelado finalizou-se no ano de 2008, com o Trabalho de Conclusão de Curso "Resíduos e Rasuras: re-significações e desdobramentos". Com aquele trabalho, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Gonçalves, como já havíamos mencionado, ocorreu então uma síntese daquela breve trajetória que o antecederam. O desenho era realizado em materiais descartados pela sociedade e estes se inseriam nos espaços e, na ocasião do TCC, na Galeria da Pinacoteca do Instituto de Artes (figura 2), assinalando elementos da arquitetura do espaço. Elementos que, se considerarmos o conceito de cubo branco, seriam indesejados, normalmente interferindo na fruição da obra de arte. O espaço como um todo se configurou dessa maneira: 1 – duplicação da porta do acervo localizada ao fundo da galeria; 2 - duplicação, com escala levemente reduzida, das indigestas janelas também no fundo, à direita; ambas com os resíduos de adesivos de etiquetas; 3 -

⁴ Exposição individual Processos Casuais (2007).

⁵ Onde participei de uma exposição da Bienal B (2007).

instalação de três colunas inteiras, em escala real, simetricamente localizadas no centro da galeria e alinhadas com as meias-colunas que já fazem parte da arquitetura daquele lugar, o prédio histórico do Instituto de Artes; 4 - outros trabalhos de parede; 5 - em uma mesa, folders interferidos com rasuras e recortes.



Figura 2 - Instalação na Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS, 2008.

Paralelamente ocorriam outros episódios importantes nessa história, como, por exemplo, o estágio de extensão, por um ano, na própria Pinacoteca do IA (2005-2006). E em seguida, os três anos de estágio no MARGS⁶ (2006-2009). Essas experiências, somadas às colaborações em montagens da Bienal do Mercosul e criações e execuções de cenografias em teatros, além da própria raiz na arquitetura, agregaram bastante no que diz respeito a um olhar atento ao pensar o espaço nas artes visuais. Podemos dizer que tais ofícios, como cenografia para teatro e montagem de exposições, são de certa maneira pontos de intersecção das disciplinas de arquitetura e artes. O primeiro talvez mais complexo, pois lida com a estética e envolve a criação e execução de um

⁶ Museu de Artes do Rio Grande do Sul Ado Malagoli.

projeto no espaço cênico. Já o segundo mais operacional, porém não menos importante já que muitas vezes também requer sensibilidade por parte do montador para traduzir o pensamento do artista autor na montagem da produção artística.

Após a obtenção do título de bacharel em desenho, solicitei a permanência para a licenciatura. Pensando em realizar essa nova etapa de maneira prazerosa, sem pressa, muito em detrimento daquela espécie de ressaca pós TCC. Porém esse período (2009-2015) me possibilitaria ter outras experiências, determinantes para a constituição da pesquisa atual e que focalizaremos na seqüência da presente escrita.

Uma dessas experiências viria a ser o intercâmbio estudantil que pude vivenciar pelo período de um semestre em Montevideu, Uruguai, o qual culminou numa exposição individual, em 2010, intitulada "*148 días en Montevideo, y una sala de exposiciones*" (figura 3). Esta mostra foi extremamente relevante em meu processo artístico, pois sintetizou claramente as ideias que vinha pesquisando. Tratava-se de uma instalação artística montada na Sala Miguel Angel Pareja, localizada no IENBA (Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes). Esta instalação era constituída por centenas de recibos de ônibus onde, após processo de rasura e apagamento de dados que assim formavam um desenho, sobravam apenas informações de data e local nos mesmos. Estes recibos eram organizados na sala formando uma espécie de túnel, ressaltando assim a característica da sala de ser também um lugar de passagem - relacionando-se com a arquitetura do espaço. O motivo pelo qual este trabalho vem ao encontro da atual pesquisa é o fato de eu, naquela ocasião, enquanto artista, estar diretamente envolvido no processo e aqueles recibos, aquela sala e aquela quantidade de dias representavam bem o meu deslocamento naquele espaço-tempo de intercâmbio.

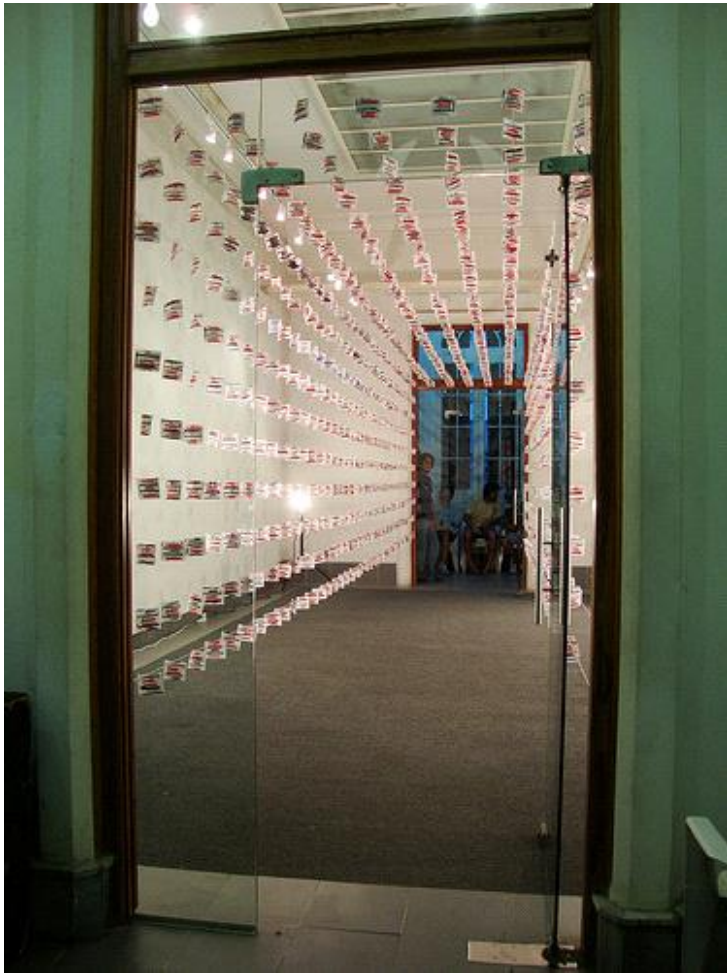


Figura 3 - *“148 dias em Montevideo, y una sala de exposiciones”*, 2010.

Assim como naquela situação me vi afetado pelo deslocamento e pelo espaço diferente, acredito que no contexto da Educação Especial os deslocamentos e as questões do espaço também interferem diretamente no desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

E aqui chegamos a um ponto nevrálgico, um ponto de conexão, quando, após alguns anos tentando, em março de 2013 ingressei na Residência Integrada em Saúde⁷ - ênfase Saúde Mental do Grupo Hospitalar Conceição - RIS-GHC. Trabalhar com arte na saúde mental, através de algum dos programas de residência existentes em Porto Alegre⁸ é possibilidade pouco conhecida de atuação no meio das artes visuais. Esse movimento surgiu

⁷ Trata-se de uma especialização com duração de dois anos onde 80% da formação se dá no serviço, lidando diretamente no atendimento a pacientes, e 20% de atividades teóricas.

⁸ Na época, três instituições ofereciam vagas para Artes (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro): Educasaúde/UFRGS, Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e Escola GHC (a qual tive a oportunidade de me vincular). Hoje infelizmente não temos mais essas vagas em Porto Alegre.

através de estímulos de amigos como Leonardo Garavelo e o próprio Luciano Bedin (hoje membro da banca desse TCC), mas também surgiu de uma certa curiosidade e, após buscar maiores informações acerca das suas especificidades, de um grande desejo de desbravar essa área ainda tão pouco explorada por nós das artes visuais (apesar da tradição da especialidade da arteterapia). Um desejo de encarar o desafio de trabalhar com arte e loucura.

Na Residência, eu pude circular por vários espaços que se relacionam com a saúde mental. Sejam espaços do próprio GHC como os CAPS⁹, Internação Psiquiátrica e Consultório na Rua¹⁰, como também instituições externas ao GHC, através de estágios realizados no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), lugar de grande importância na história da Luta Antimanicomial e da relação entre arte e loucura, bem como no Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), localizado no Rio de Janeiro e de importância não menos relevante nesse contexto. Estes estágios previstos no Programa da Residência tiveram duração de um mês cada. No HPSP, a imersão se deu inteiramente na Oficina de Criatividade do Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira, enquanto que no IMNS, eu pude transitar por diversos equipamentos que se relacionam com a cultura, tais como o Museu de Imagens do Inconsciente, o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e o Hotel da Loucura, onde tive a experiência de pernoitar algumas vezes.

Essa etapa foi finalizada em março do presente ano com a realização do artigo "Ir Até Aqui - deslocamentos em saúde mental", onde eu uso o conceito de deslocamento pelos espaços, muito presente na arte contemporânea, aplicando na área da saúde mental, evidenciando a importância de deslocamentos físicos e subjetivos para o bem estar das pessoas.

Feito o resgate dos caminhos percorridos, possibilitando assim saber de onde surgiram tais propostas e como estiveram presentes em meu cotidiano enquanto professor artista na Escola Especial, avançamos para desdobrarmos os assuntos atinentes a atual pesquisa.

⁹ Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II - Adulto) e Centro de Atenção Psicossocial à Infância e Adolescência (CAPSi Pandorga).

¹⁰ Unidade de saúde que se desloca para locais de maior vulnerabilidade, atendendo uma população que não costuma acessar os serviços de saúde, como moradores de rua, por exemplo.

CARTOGRAFAR NA ESCOLA ELYSEU

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.

Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, 1968.

“UM LUGAR ESPECIAL: Anotações sobre o espaço no ensino de artes em uma escola especial” aborda questões do espaço na educação, com enfoque na educação especial, partindo da perspectiva da sala de artes, e mais especificamente a sala de artes da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli¹¹ - EMEEF Elyseu Paglioli – ou apenas Escola Elyseu, onde pudemos vivenciar o Estágio de Licenciatura em Artes Visuais, durante o ano de 2015. Utilizamos como ferramenta principal o desenho. Transitando do micro ao macro e vice-versa, lançando reflexões e observando



Figura 4 - Fachada da Escola Elyseu

¹¹ Primeira escola especial municipal de Porto Alegre, fundada em 1988. Localizada na rua Butuí, 221, bairro Cristal, Porto Alegre, RS. Um bairro que tem no seu entorno algumas comunidades distintas que se caracterizam por pertencer à microrregião cinco (Glória, Cruzeiro e Cristal) sendo a Vila Cruzeiro uma das mais populosas da Cidade, apresentando focos específicos de violência e estrutura social de baixo poder econômico, porém repleta de organizações comunitárias que exercem relevante papel na comunidade, bem como organizações não governamentais e outras que desenvolvem programas sócio-educativos em parceria com a Fundação de Assistência Social e Cidadania - FASC.(PPP, 2011, p.7)

como o espaço pode interferir positiva, ou mesmo negativamente, no desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

Um maior aprofundamento em assuntos como saúde mental e educação especial passaram a ser cada vez mais desejados por mim, tanto é que realizei tais escolhas (especialização em saúde mental e estágio de licenciatura na educação especial), da mesma maneira que temidos não só por mim, mas por uma sociedade inteira, por envolver muitos tabus. Segundo Barthes, citado por Corazza (2010, p.90), “as pessoas estudam o que desejam ou o que temem”. É de se considerar também a relevância do tema em questão, bem como a importância, no atual cenário, do diálogo entre saúde e educação.

A metodologia utilizada durante essa jornada foi a cartografia, que nos permite explorar e transitar por várias instâncias, realizando cruzamentos e permeabilidades entre as áreas do conhecimento. Em *Pistas do Método da Cartografia – Vol. II*, os autores reforçam a importância da experiência do pesquisador, onde “pesquisadores e pesquisados, bem como o problema da pesquisa cartográfica, estão mergulhados na experiência.” (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2013, p.217)

Luciano Bedin da Costa, em seu texto *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*, nos diz que

[...] a cartografia não tem um único modo de utilização, não busca estabelecer regras ou caminhos lineares para que se atinja um fim. O pesquisador-cartógrafo terá que inventar os seus na medida em que estabelece relações e passa a fazer parte do seu próprio território de pesquisa. (COSTA, 2014, p.71)

No Projeto Político Pedagógico da Escola Elyseu, importante documento escrito coletivamente pelos profissionais da escola, podemos ler: "A permanente evolução/transformação da educação especial reafirma a necessidade de repensar e estruturar constantemente os espaços e tempos da escola, e para além dela, considerando a importância de um trabalho pedagógico que tenha como finalidade o desenvolvimento bio-psico-social de cada sujeito envolvido neste processo" (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p.5). E é essa necessidade que nos move na presente pesquisa.

O tema da educação especial por si só já é pesado devido à carga que traz, impregnado por dificuldades que derivam do preconceito social construído entorno das pessoas com deficiências, portanto, pretendo aqui realizar uma pesquisa que não reforce este estigma. A Escola Elyseu também compartilha desse pensamento, que podemos reparar tanto na rotina da escola, como em seu PPP, quando nos diz que:

A Educação Especial é uma modalidade da Educação Básica e se apresenta como uma das possibilidades de educação para alguns sujeitos que necessitam de formas, de espaços e tempos diferentes, onde a heterogeneidade é vista como ponto de partida e as possibilidades são construídas a partir deste pressuposto, com vistas a alterar a situação de exclusão escolar e social. A Escola Especial se abre para o mundo, insere-se na cultura por meio da operacionalização dos seus currículos, na participação e promoção das mais variadas formas de expressão. Ela é portanto, escolar, inclusiva e para alguns alunos transitória. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p.6)

O estágio se deu com turmas do 1º e do 3º Ciclos, os quais pudemos observar, no primeiro semestre, e depois, no segundo semestre, atuar como professor de artes durante o Estágio de Licenciatura. É interessante observar estes dois momentos, primeiro e terceiro ciclos, relativos a duas fases distintas no desenvolvimento dos alunos.

No primeiro ciclo, onde os alunos tem idade entre 6 e 9 anos, as atividades são bem soltas e visam basicamente a experimentação de materiais e o brincar, além das questões da criação dos sujeitos naquela fase. Muitas vezes os pais e familiares tem dificuldades em lidar com as especificidades das crianças e acabam vendo a escola como "um lugar seguro, de socialização e que ensina 'tudo', delegando aos professores, além das funções pedagógicas, o cuidado de seus filhos"¹² (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p.8). Por isso a importância de realizarmos ações estruturantes no que tange a construção dos sujeitos.

¹² Configuração levantada em pesquisa sócio-antropológica realizada em 1997 onde foi diagnosticada a realidade da comunidade escolar da EMEEF Elyseu Paglioli.

A artista e educadora Edith Derdyk, que desenvolve importantes reflexões acerca do universo gráfico infantil, nos fala que: “A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental” (2010, p.16). Portanto, na escola, cabe ao professor estar atento às crianças para que elas possam liberar plenamente, e com a devida orientação, esse estado de espírito característico da infância, e determinar quais caminhos seguir em cada momento - se irá trabalhar com argila, tinta ou giz de cera, por exemplo, apenas para ilustrar um tipo de situação recorrente.

Já no terceiro ciclo, quando a faixa etária já é de 15 a 21 anos de idade, os alunos estão em um estágio mais avançado. Alguns, por exemplo, já demonstram em seus trabalhos um estilo próprio, ficando a cargo do professor o papel de orientador para dar vazão à expressividade daqueles autores.

Basicamente não existem propostas muito elaboradas, as escolhas de professor se dão conforme as circunstâncias de cada aula. Diversos fatores podem interferir nessas escolhas, tais como a quantidade de alunos presentes, o tempo para desenvolver as atividades – de uma forma mais direta, se a aula será em um ou dois períodos – materiais disponíveis, o clima do dia e o “clima” do dia – como estão os alunos daquela turma naquele dia. Para isso é essencial que o docente tenha sensibilidade para perceber essas demandas específicas.

Com relação ao clima, o “primeiro” clima, quando faz muito calor, por exemplo, pode ser mais propício o trabalho com argila ou tinta – materiais mais frios. Já com relação ao “segundo” clima, o estado anímico da turma (é este tipo de observação que será mais aprofundado nesta pesquisa) o trabalho com argila se presta quando recebemos uma turma mais agitada, pois os alunos depositam no material sentimentos como raiva, angústia, etc. Estas interações com materiais já foram bastante trabalhadas e podemos citar aqui Fayga Ostrower e Nise da Silveria como referências neste campo.

As crianças e adolescentes da escola especial certamente têm um referencial diferente em relação ao tempo, mas também o enfrentam. Como o

coelho de Alice no País das Maravilhas, “maluco e apressado como um adulto ou o tempo (feroz e implacável) na vida de um adolescente”, como apresenta Celso Gutfreind no livro *Narrar, ser mãe, ser pai. Esse Tempo*, que “tem vida na voz do coelho desesperado diante da passagem veloz de tudo, como os adultos [...] num ritmo tão violento como o de uma criança que começa a deixar de ser criança” (GUTFREIND, 2010, p. 117).

Para registrar as ações durante as atividades do estágio, optei por usar a câmera fotográfica do telefone celular, procurando sempre fazer os registros naturalmente, o mais discreto possível, para que não houvesse (ou que houvesse o mínimo de) interferência no ambiente de trabalho, como se fora um inseto observando ou uma câmera de segurança. A intenção era que o momento da foto não fosse marcado como um evento extraordinário, pois dessa forma interromperia as ações, chamaria a atenção e atrapalharia o desenrolar da aula. Por esse motivo também, a qualidade das imagens talvez não seja a melhor para uma publicação mas existe intencionalidade nessa escolha.

No decorrer desta pesquisa (atuação no estágio e escrita), alguns verbos e operações se mostraram recorrentes, configurando como estratégias cartográficas. Tais como: Biografematizar, Janelar, Desenhar e Vivenciar. Os quais destacamos a seguir.

biografematizar

*"O biografema não busca "converter" o leitor,
talvez apenas convencer."*
Luciano Bedin da Costa, 2010.

Ao longo do texto, o leitor irá se deparar com algumas anotações de casos específicos onde constatamos alguma influência mais direta das

relações espaciais nas ações do aluno. Para tanto, buscamos trabalhar através da pesquisa biografemática, a qual nos dá suporte Bedin e Corazza, além de Barthes.

O biografema, diferente da biografia, se dá no encontro do pesquisador com o sujeito em questão. Trabalha com registros de vida, mas prioriza os detalhes, as minúcias, o que a 'grande história' ou 'historiografia' deixam de lado. Em seu texto "Biografias (im)possíveis: o problema da escritura biográfica em oito atos", Luciano Bedin da Costa apresenta alguns problemas com relação a biografia. Nos diz, por exemplo, que "a biografia enquanto expressão fidedigna de uma vida torna-se um objeto impossível, invadida pelo campo dos mundos possíveis produzidos pelas demandas do imaginário." (2010, p.103)

É essa idéia que temos, em nosso objeto de pesquisa, uma situação oposta, pois aqui é impossível agir e escrever com neutralidade, nossos personagens não são célebres, são pessoas "comuns" e o narrador, no caso eu, não tem como se posicionar exteriormente, pois está imerso, vivenciando os fatos. Luciano ainda sustenta que:

O ato de trazermos a mão daquele que escreve para o seu Texto, ao reconhecermos o seu poder de atravessamento na estrutura de seu escrito, parece-nos já ser um gesto estilístico. Em outras palavras, trata-se da vida biografada sendo violentada pela vida que se afirma sempre que há o contato da caneta com o papel, do toque dos dedos sobre o teclado do computador. (COSTA, 2010, p.108)

Portanto uma das razões pelas quais optamos por fazer o uso do biografema como estratégia, é para não "violentar" essas vidas que tem por si só já grande carga de sofrimento inerente, que deriva de sua própria condição.

Estes biografemas aparecem no texto, a partir deste momento, de forma diferenciada e na cor azul, fazendo uma referência ao livro Um Olhar Atelial. (2014). Para entender melhor, compartilho a escrita poética de Tânia Mara Galli Fonseca:

Na flora, temos as raras flores azuis, como as petúnias que sem artificialização produzem sua estranha coloração. Na música, temos a nota azul, fora da escala, blue note, sensível e tensa, utilizada para construir giros melódicos, operadoras de pontes que multiplicam as possibilidades e seus efeitos, Em ambos os casos, o da flora e o da música, pouco importa aqui, esclarecer o que são, mais importando o

que fazem. Caídas da escala presumível e das séries dos encadeamentos previstos, flores e notas azuis marcam o traço sutil e perseverante de uma ação criadora. (FONSECA, 2014, p. 11)

Os organizadores se valem desse pressuposto para assumir tal cor para a tipografia do livro, que tem como missão propagar textos produzidos na Oficina de Escrita do Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Tanto lá como aqui, os criadores: "Saboreiam a si quando alçam vôo poético, tornam-se alados quando perscrutam a experiência do indizível que os habita, vivem a eternidade imiscuída naqueles instantes de esquecimento e renascença." (FONSECA, 2014, p.12)

janelar

*Para janelar não é preciso, necessariamente, haver janela,
é preciso haver olhar*
Guadalupe Tomazzoli, Janelar, 2014.

Levando em consideração que “o método da cartografia é compatível e compõe com diferentes técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisa existentes” (PASSOS, KASTRUP E TEDESCO, 2013, p.218) uma destas estratégias adotadas é o “janelar” – verbete desenvolvido pela colega Guadalupe Tomazzoli no Dicionário Raciocinado das Licenciaturas – tomo IV (2014).

Guadalupe destaca que provavelmente não aprendemos a conjugar este estranho verbo na escola, pois na escola geralmente não ensinam a janelar. Quando um aluno está olhando para fora, é comum a professora dizer que ele está distraído, mas isso é um grande engano, “o mundo lá fora é muito mais interessante que o mundo dentro da sala de aula” (TOMAZZOLI, 2014, p.104). Hoje em dia realmente não está fácil janelar, mas seguimos tentando. E para

desenvolver esta escrita e realizar o estágio na escola especial, a descoberta do janelar foi, e é fundamental.



Figura 5 - Janelas da Sala de Artes da Escola Elyseu.

Não tem borda. Essa expressão, muito utilizada na área da saúde mental, também vale para o aluno da escola especial, mas especialmente ao **Andrei**. Ele costuma circular freneticamente pelos espaços da escola. Explora cada canto, cada objeto. Põe em cheque qualquer concepção que tenhamos sobre infância ou educação. As orientações costumam ser em vão, quase toda voz de comando passa batida, como se nem tivesse sido ouvida. Andrei não se comunica pela fala. É um desassossego que impressiona. Uma angústia, como se quisesse protestar por muitas coisas, por uma vida que não cabe. Está sempre a janelar.

Certo dia, daqueles que Andrei andava extremamente agitado, em que nada nem ninguém o fazia se acalmar, sossegar. Ao chegar na sala de artes, passando um primeiro momento de agitação e exploração do espaço, oferecemos uma pilha de revistas e jornais. Aos poucos vai se acalmando, na medida em que espalha os papéis ao seu redor, criando uma espécie de ninho onde se sente

seguro, uma borda, um limite físico, uma toca. E ali permanece por um bom tempo, por quase toda aula. "Possuir limites significa: ter bordas, ter contorno, distinguir-se dos outros, estar situado, possuir início e fim, e, portanto história" (PÁDUA, 2015, p.151). É o que diz Lígia Teresa Saramago Pádua em sua tese de doutorado, remetendo ao pensamento de Heidegger.



Figura 6 - Andrei e o "ninho"

Podemos dizer que na escola especial o janelar é regra, aqueles alunos têm muito a nos ensinar sobre a arte de janelar. E, nesse caso, cabe ao educador ajudar a canalizar estes impulsos e, nada melhor que a arte para dar voz a essas vidas pulsantes. Não por acaso, a sala de artes da Escola Elyseu possui grandes janelas, que são um convite ao janelar (literal e metafórico). Estas janelas, em sua estrutura, são divididas em retângulos menores que, para mim, simbolizam de certa forma as estruturas (de vida, e psíquicas também) fragmentadas de cada um e traduzem o trânsito entre diferentes escalas – pequeno – médio – grande. Também ilustrativo é o fato da sala de artes situar-se no prédio anexo da escola, “obrigando” os alunos a deslocar-se não somente de sala, mas também de prédio para a realização da aula de artes. Então aí detectamos, já na origem, um primeiro deslocamento físico entre espaços.

desenhar

O desenho é a ferramenta principal utilizada no desenvolvimento do trabalho pedagógico com os alunos por se tratar historicamente de uma técnica básica do campo artístico e no ensino das artes, além de ser a mais antiga manifestação artística da história. A partir do desenho o trabalho pode desdobrar-se em outras técnicas como a pintura, mas o desenho sempre está permeando qualquer atividade desenvolvida. Rosa Iavelberg, sobre as mudanças de abordagens no ensino do desenho ao longo da história, refere que

Na escola tradicional, o meio ditava a regra de acomodação da criança a modelos para aprender a desenhar, por intermédio da repetição de exercícios de treino de habilidades, a questão técnica ocupava vasta área no que se entendia por criação em desenho, com ênfase no produto.

Na escola renovada o desenho é compreendido como atividade expressiva, livre e natural da infância, com centro no indivíduo, na exploração livre de materiais e técnicas (com foco no processo, e não no produto) e no desenvolvimento do potencial criador. (IAVELBERG, 2008, p.15)

Porém, é de conhecimento público que muitos docentes seguem aplicando métodos tradicionais, baseados na repetição e na reprodução. Isso pode ser consequência de diversos fatores como falta de qualificação e atualização de saberes, que afeta tanto o ensino público como também o setor privado de ensino.

Na Escola Elyseu, a concepção pedagógica que se tem comunga com a ideia de escola renovada, referida por Rosa Iavelberg no trecho acima. A educadora e artista Edith Derdyk reforça a importância da vivência de desenho do arte-educador:

O arte-educador, que vivencia o desenho como potência expressiva e poética, dificilmente incorrerá em erros grosseiros de interpretação e avaliação de um desenho realizado por alguma criança. [...]. A vivência fornece o repertório para o educador tornar-se sensível ao universo gráfico infantil. (DERDYK, 2010, p.15)

Não por acaso, tanto eu quanto Ernani temos uma trajetória no campo da arte, inclusive especificamente com formação em desenho.

Marcia Tiburi e Fernando Chuí publicaram no ano de 2010 “Diálogo|Desenho”, onde expõem o registro da troca de correspondências entre os dois sobre, é claro, desenho. Márcia inicia a conversa analisando o próprio verbo desenhar: “Por onde começar? Ora, conjuguemos o verbo: se *eu desenho e tu desenhavas, nós desenhávamos*, ao mesmo tempo *outros – ou todos? – desenhavam*”(sic). Mas, como um alerta, continua: “[...] sabemos que muitos dos que ‘desenhavam’ perderam o vínculo com essa forma de expressão. Foram educados por sistemas contrários ao ato criativo do desenho. Substituíram pela alfabetização o gesto de desenhar, recalcando assim, suas funções expressivas?” (TIBURI & CHUÍ, 2010, P.11) Na educação especial procura-se valorizar a espontaneidade na criação, a experimentação livre de materiais. Na medida em que a alfabetização ocorre em outro tempo, posso dizer que os alunos da Escola Elyseu ainda mantêm esse gesto expressivo do desenhar.

É válido ressaltar que não se pretende aqui analisar profundamente os desenhos dos alunos através do direcionamento da psicologia, por exemplo – muitos autores já o fizeram – mas sim se pretende reverenciar o trabalho desenvolvido na Escola Elyseu e dar a ver a potência da produção criativa, e como as relações com espacialidades atuam nesse processo.

Igor não gosta de se sujar. Seu desenho segue sistemas - repetições, ordenamentos ortogonais. É a maneira que Igor organiza-se mentalmente e é assim que ele transmite para o papel. Ao ver Igor pintando sobre as informações de um material gráfico da Bienal do Mercosul, logo identifiquei similaridade com meu próprio trabalho poético, lembrando o quanto é difícil encarar uma folha em branco, que os escritos de um material já impresso por vezes podem ser um alívio, servindo de partido inicial para o desenho que está por vir..

Tudo isso refere-se a organização espacial do papel. E, logo, a organização mental de cada um. E como é difícil romper as amarras desses sistemas mentais.

Ao trabalhar com tinta o desafio de Igor é maior, na medida em que aumenta o risco de se sujar e a possibilidade de perder o controle sobre os materiais também. Pois é aí que identificamos a necessidade de romper um pouco com essa ordem imposta previamente.

E Igor se arrisca bravamente, ao ser estimulado a pegar o pincel de formas diferentes e até com a mão esquerda, por exemplo. Dessa maneira, adentra em regiões menos exploradas de seu cérebro. (como nos diz Betty Edward em *Desenhando com o lado direito do cérebro*, publicado originalmente em 1979) Mesmo sem avental, sua roupa mantém-se limpa, intacta.



Figura 7 - Igor desenhando

Edith Derdyk nos alerta para algo importante: “Quem sabe, a partir do reconhecimento da própria capacidade de desenhar, possa surgir um novo significado no encontro entre o adulto e a criança.” (DERDYK, 2010, p.20) Dessa forma, Derdyk propõe um encurtamento da distância entre o adulto professor as crianças, alunos - pela via do desenho. Coloca também em cheque a ideia de uma bifurcação de vocações onde, ou se é artista, ou se é professor de artes. Ora, em tempos de multiplicidade, por que não ser educador E artista?

Requer espaço, muito espaço de papel, espaço de atuação do desenho e da pintura. Ao se defrontar com uma folha pequena (normalmente comum para a maioria dos estudantes) **Daniel** fica triste, fecha a cara, mas topa todo e qualquer desafio. Quando a arte é a linguagem, é corajoso. Encara as dificuldades como se fossem degraus para o que vem depois, o que lhe dá mais prazer¹³ – realizar trabalhos em grandes dimensões – e, tendo prazer, comunica, através de sons, expressões corporais e do desenho propriamente, ou seja, através da arte. Ao receber uma folha grande não contém a alegria, abre um grande sorriso e mostra com os braços e as mãos que é por isso que está feliz. As ações de Daniel face a dimensões de espaço físico do suporte, papel, sobre o qual ele se expressa. confirmam como a arte enquanto

¹³ De acordo com Freud, um dos princípios que governam o funcionamento mental: a atividade psíquica tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar prazer (Laplanche e Pontalis, 1967).

ação de liberdade interfere nas ações e reações dos alunos da Escola Elyseu. Quando pinta, Dani utiliza muita tinta e poucas cores. Primeiro faz um desenho, logo em seguida, com a mesma cor, talvez um azul, vai aos poucos preenchendo os espaços até tomar por inteiro a folha a sua frente, criando grandes espaços de cor, paisagens, mares, céus. E como se quisesse aproveitar ao máximo aquele momento, após esperar alguns instantes a tinta secar, realiza novo desenho, agora com nova cor, quem sabe um branco. Dani cria grandes navios, aviões e ônibus, ou seja, meios de transporte. Para onde será que ele quer ir? Pra onde ele vai? Dani pouco se comunica verbalmente, mas muito se comunica artisticamente. É puro sentimento, carinho, afeto. Sente tudo a sua volta, e não disfarça. Gosta de abraço.



Figura 8 - Daniel pintando

vivenciar

“O processo vivencial está diretamente ligado ao processo criativo.”
Fayga Ostrower, 1987.

Usando de toda sua bagagem de conhecimentos adquiridos em vivências prévias, o professor vivencia também aqueles momentos de aula. A vivência, segundo artista e educadora Edith Derdyk:

[...] é a fonte do crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva.[...] Não há mais dúvidas de que todas as pessoas são inatamente criadoras, independentemente de sua formação cultural, de sua atividade, de sua origem racial ou geográfica. O que nos impede de exercer o nosso desejo criativo? A concepção de nós mesmos, como um ser acabado e estável, agarrado a uma idéia de eu, tal como a tábua de salvação no meio do mar, é um empecilho para nos lançar. A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência." (DERDYK, 2010, p.17)

O fato aqui é que, via de regra, os alunos da escola especial não tem em si este tipo de vaidade, este tipo de consciência em relação a uma concepção de eu, e estão totalmente abertos e disponíveis às vivências. Eles geralmente topam as propostas, abraçam as idéias, até mesmo as que possam parecer um tanto incomum num primeiro momento (alguns desses exemplos podem ser vistos nos relatos biografemáticos). A autora do livro *Formas de Pensar o Desenho* segue esclarecendo:

Tratando-se de educação, a vivência entra em cena como personagem central na formação de pessoas capacitadas a lidar artesanalmente com crianças. Os educadores são os porta-vozes de uma visão de mundo, transmissores de comportamentos, interferindo direta e ativamente na construção de seres individuais e sociais.(DERDYK, 2010, p.18)

Se isso é importante para a educação regular, muito mais importante quando tratamos da educação especial. Achamos que a educação não está separada do viver, pois ambos promovem o desencadeamento de processos existenciais. "A vivência, seja de natureza contemplativa, seja de natureza ativa, é condição para a nossa existência." (DERDYK, 2010, p.19) A autora refere que "é fundamental que o arte-educador reconheça em si a capacidade de exercer o ato criativo de forma tão natural quanto comer, dormir e sonhar" (2010, p.19). Enquanto Fayga Ostrower nos diz que:

O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside a profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente. 'Pensamos que o criar, tal como o viver, é um processo existencial.'(OSTROWER, *apud* Derdyk, 2010, p.19)

Visceral, seu desenho parece ser um claro reflexo da sua vida, da sua rotina, de seu cotidiano - vivências. Coloca muita escrita em seus desenhos. Escreve nomes de pessoas do seu meio, familiares geralmente, compondo com simbologias como o coração por exemplo. Quase como se fora um diário ou mandasse recados para aquelas pessoas. Tem boas soluções gráficas – certa vez utilizou-se de um desenho em um pequeno papel como molde em outro desenho maior, fazendo uma espécie de janela, numa geometria não exata, mas com intencionalidade. E aqui surge forte o janelar, bem literal nesse caso. Em outra atividade que propusemos, de realizar uma circulação pelas dependências da escola para depois utilizarmos tal passeio como motivo para a criação, **Miguel** foi dos poucos que conseguiu executar aquela proposta a pleno. Ao retornar para a sala de artes, referiu muitas vezes as janelas. Pediu para desenhar em folha grande, na vertical, fixando o papel na parede, e em pé. E ali começou a desenhar formas geométricas, retangulares, numa composição quase concretista, quando nos demos conta que se tratava de uma espécie de planta baixa da escola, dos corredores e salas por onde passamos, com personagens inseridos no interior dos espaços. E mais uma vez, aqui instantaneamente, Miguel transpunha para o papel o que acabara de vivenciar – o seu deslocamento pelo espaço.



Figura 9 - Desenho de Miguel

O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Não há uma definição que possa ser tomada como mais abrangente ou mais correta, sobre o espaço (FRANÇA, 1994, p.18). Muitos autores já desenvolveram teorias para tentar explicar, a partir da perspectiva de diferentes áreas do conhecimento, o que seria o espaço. Também não é nossa intenção chegar a essa resposta.

Para esta pesquisa, nos interessa como o espaço pode agir no estado anímico e na produção criativa dos alunos. O trabalho está organizado em três caminhos: Espaço Artístico, Espaço Físico e Espaço Especial. Relacionando-se com a educação, tendo o conceito de deslocamento como apoio, dando continuidade a pesquisa “ir até aqui – deslocamentos em saúde mental” realizada na RIS/GHC (2014/2015). Estes caminhos não possuem fronteiras rígidas, vazam entre si, se contaminam.

Espaço Físico

Em referência ao espaço físico, abordamos questões relativas ao espaço arquitetônico, a sala de artes, a disposição dos móveis, o dentro/fora, espaço interno e externo. Paulo Sérgio Duarte, no catálogo da 5ª Bienal do Mercosul, nos diz:

[...] cada vez mais, no mundo contemporâneo, a noção de espaço acumula-se em experiências de diferentes camadas acompanhadas de suas respectivas temporalidades, como se cada espaço solicitasse sua correspondente experiência de tempo. Nessas camadas, cruzam-se fatores das mais diversas origens - psicológicas, geográficas, econômicas, sociais, linguísticas, antropológicas e tecnológicas - determinando diferentes graus de complexidade. (DUARTE, 2005, p.10)

Para Barthes, citado por Sandra Corazza (2010. p.91), “é preciso haver cenário, portanto lugar”, ou seja, um cenário onde possa ocorrer o encontro de vidas. Para nós o cenário constitui-se na Escola Elyseu, e este lugar é especial

por inúmeros motivos. Tem como protagonistas pessoas especiais, independente de qualquer rótulo ou diagnóstico. O lugar propriamente – o lugar (cenário) especial aonde essa pesquisa se desenvolve preponderantemente é a sala de artes da Escola Elyseu, além de outros espaços da escola..

Há seis anos lecionando nessa escola, o professor Ernani, que também desenvolve pesquisa poética na área das Artes Visuais, tem amplo domínio daquele território – a sala de artes. Como ele mesmo costuma falar, é um espaço vivo, dinâmico. No momento a sala está organizada da seguinte forma: ao entrar pela porta temos um espaço livre logo em frente, uma espécie de corredor de ação com cerca de 1,5m de largura por 4,0m de profundidade. Em paralelo está uma mesa grande comprida e, no mesmo sentido, as amplas janelas. Ao fundo, estantes com trabalhos produzidos e folhas de tamanhos variados para serem utilizadas pelos alunos, e mais janelas. Nos cantos ao fundo, dois armários com materiais diversos. A sala conta ainda com uma pia no outro canto e, não menos importante, um grande espelho. Ou seja, a sala de artes parece muito a um ateliê de arte, onde os alunos têm liberdade para solicitar materiais e propor atividades.

Destacamos, por exemplo, as diferenciações em relação a outros modelos de disposições de carteiras. Na sala de artes da Escola Elyseu existe apenas uma grande mesa que, todos compartilham e se olham, diferente de uma disposição ortogonal tradicional. Podemos dizer que as configurações dos espaço podem afetar o ambiente que circundam, dando

[...] sentido da construção ao espectador e ao utente [capacitando a]participar nas suas funções com uma maior receptividade da sua parte - sentindo-se, por assim dizer, mais cortês quando entra num palácio, mais devoto quando entra numa igreja, mais estudioso quando entra numa universidade [...] (MUMFORD, *apud* FRANÇA, 1994, p.23)

Trazendo para o nosso contexto, quando entramos na sala de artes da Escola Elyseu, nos sentimos mais artistas, convidados a pegar algum material e começar a produzir algum trabalho. Essa esfera pode servir como um propulsor para os alunos se sentirem estimulados e livres para criar, e dessa maneira, se aproximando ou encontrando seus conteúdos internos e desenvolvendo suas capacidades.



Figura 10 - Sala de Artes da Escola Elyseu

Saindo (deslocando) da sala para o pátio temos as grandes janelas como “fronteira”; e saindo da escola para a rua, temos o muro, elemento que traz em si uma simbologia singular, pois nos remete à questões históricas da saúde mental. Curiosamente, logo após o muro, temos uma Unidade Básica de Saúde.

Espaço Artístico

“Amar la trama más que al desenlace”
Jorge Drexler, *La Trama y el Desenlace*, 2010.

No que diz respeito ao *espaço artístico* consideramos as diversas características dos suportes a serem explorados nas atividades em sala de aula e o espaço interno destes suportes e de que maneira isso pode impactar no processo criativo dos educandos. É ainda o caminho que Fayga Ostrower nos mostra:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo (...) trata-se de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, significar. (OSTROWER, 1977, p.9)

Com relação a escala dos suportes nos quais o aluno trabalha, sabemos que as dimensões dos papéis utilizados, além da posição dos papéis e dos alunos – se esses estão sentados na cadeira, no chão ou em pé – interferem na sua forma de criar.

Desenha muito, tem um traço infantil, puro. Lembra a garatuja. porém já é possível identificar bem as figuras nos desenhos de **Bruno**. Costuma, involuntariamente, rabiscar as mãos e as vezes até o rosto. Constrói objetos com desenhos. Melhor explicando: ele desenha um relógio, recorta o desenho e aplica no pulso. Faz o mesmo com um cinto. Quando propus para a turma o desafio dos micro desenhos, talvez tenha sido Bruno quem mais tenha comprado a ideia. Realizou dezenas de micro desenhos. Utilizou caneta hidrocor. Segurando os pequenos pedaços de papéis com os dedos ou mesmo apoiando na palma da outra mão, encontrou solução para não escaparem. Criou bichos e os mais variados objetos. A pintura mural, por exemplo, não lhe afetou tanto, mas visivelmente os desenhos em escala reduzida foram positivos. Para Bruno, estas atividades foram estruturantes, também estimulando a ludicidade.



Figura 11 - Bruno e os micro desenhos

No caso da Escola Elyseu, os alunos estão acostumados a trabalhar com grandes dimensões (contrariando uma lógica alicerçada no ensino de arte, quando o suporte mais utilizado é a tradicional folha de ofício tamanho A4). Portanto, a primeira proposta de atividade que desenvolvi com as turmas foram desenhos em dimensões muito reduzidas, o que eu chamei de micro desenhos. O objetivo era justamente observar as atitudes dos alunos diante desse, que para eles seria um grande desafio. Enquanto a maioria queixava-se solicitando papéis maiores, alguns lidavam bem com a escala reduzida, lhes favorecendo

em aspectos como motricidade fina e concentração (vide biografema do Bruno). Já aqueles que não gostaram, após cumprir com a tarefa e receber um suporte maior, foi interessante perceber as reações de alegria nos rostos e, com relação ao aspecto gráfico, como o gesto alongado fluiu com maior naturalidade e prazer, acredito que mais do que se não tivessem feito o exercício em pequena escala.

Após esse primeiro momento as dimensões foram variando, do micro ao macro, nas atividades que sucederam, , chegando até a pintura do muro da escola. Esta atividade foi muito bem aproveitada, e todos tiveram muito prazer em desenvolvê-la. Não só a turma que eu acompanhava, mas todas turmas do terceiro ciclo interferiram na pintura mural. Dessa forma, pudemos observar a interação dos alunos, tanto num mesmo momento como em momentos diferentes, trabalhando sobre um mesmo suporte: o muro. Ou seja, compartilhando o espaço. Enquanto alguns tinham mais dificuldades em permitir a ação de outrem sobre "a sua parte" que estava pintando, outros, as vezes após um pequeno estímulo, interagem criativamente realizando uma pintura a várias mãos. O resultado final, apesar de ter valor artístico, era menos importante frente a importância do rico processo que ali se desenrolava. As negociações, escolhas de cores, decisões das temáticas, adequações com materiais (pincéis grandes e rolinhos, diferentes dos habituais). O produto artístico perde importância quando se tem um processo que é mais urgente, de fortalecimento da autonomia e construção de sujeitos. Todo esse enredo certamente foi muito bem aproveitado e absorvido na aprendizagem dos envolvidos.



Figura 12 - Pintura mural da Escola Elyseu. No alto, foto tirada em 30/04/2015; acima, foto tirada em 11/06/2015.

Braian, é agitado, expansivo, tem muitas dificuldades no que tange a atenção, concentração e execução das atividades propostas pelos professores em sala de aula. Inseguro, normalmente toma como base o trabalho do colega ao lado e arranja desculpas para sair da sala. É difícil permanecer sentado realizando a atividade. Tanto é que a dança parece ser mais o seu chão – demonstra desenvoltura com o corpo na primeira oportunidade que tem. Mas quando realizamos uma atividade externa, fora da sala de artes, como a pintura do muro da escola, percebi uma mudança radical no comportamento de Braian, inclusive colaborando carregando os materiais, o que me levou a abordar a situação como "Braian a.m." e "Braian d.m.", ou seja, "Braian antes do muro" e "Braian depois do muro".

Na própria atividade da pintura mural já pude perceber atitudes totalmente diferentes das que ocorriam dentro da sala de artes - ele estava engajado, participativo, emocionado, com uma agitação positiva podemos dizer. O espaço aberto dava vazão para suas emoções e impulsos. Após a referida atividade, passamos a perceber um Braian muito mais motivado, focado em seu trabalho, socializando com os colegas.

"Saboreiam a si quando alçam o vôo poético, tornam-se alados quando perscrutam a experiência do indizível que os habita, vivem a eternidade imiscuída naqueles instantes de esquecimento e renascença." (FONSECA, 2014, p.12) Faço uso das delicadas e potentes palavras de Tania Mara Galli Fonseca e transponho para a, embora diferente, similar situação a qual refletimos nessa pesquisa. Tania referia-se aos participantes do Ateliê de Escrita instalado na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro¹⁴, atividade que também pude vivenciar pelo período de um mês em função de um estágio externo da Residência Integrada em Saúde, como já foi indicado. Podemos aqui dizer que essa experiência do indizível se estende a qualquer criação artística e, no nosso caso, a criação artística dos alunos da Escola Elyseu, e ganha mais potência quando pode haver algum tipo de dificuldade no aspecto da comunicação.

No filme Epidemia de Cores (em fase de pós-produção, lançamento previsto para 2016), sobre a Oficina de Criatividade do mesmo Hospital Psiquiátrico São Pedro, Bárbara Neubarth, coordenadora do local diz num dos extras do filme, que "a linguagem artística poderia ser uma linguagem possível para pessoas que tinham dificuldades de se comunicar pela via da palavra", e tal afirmação pudemos confirmar na prática ao longo da prática do Estágio de Licenciatura.

¹⁴ A Oficina de Criatividade do Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro localiza-se na cidade de Porto Alegre e foi criada em 1990, inspirada nos trabalhos de Nise da Silveira desenvolvidos em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Atualmente, as atividades contam com a participação de ex-internos, moradores do hospital psiquiátrico (pessoas internadas há décadas) e frequentadores interessados em arte, arteterapia ou no desenvolvimento de atividades expressivas diversas, tais como pintura, bordado, escultura em argila e escrita criativa. O Acervo da Oficina de Criatividade conta com cerca de 200 mil obras.

Tem estilo próprio. É a primeira coisa que vêm à mente ao pensar em **Joel**. Não só reproduz o meio em que está inserido, mas o faz a sua maneira. É centrado. Desenha música, hip-hop, gueto, grafite, carros com grandes alto-falantes, revolver, basquete. Muito gráfico, quase ilustração, muita cor. Joga basquete. Quase sempre está com fones de ouvido. Curte se vestir de acordo com a moda. Observa as tendências. Já parece ter certa maturidade. É constantemente assediado pelos grupos do meio onde vive. Está fazendo a passagem para a vida adulta, na prática. Já vive as primeiras experiências no mundo do trabalho, através do PTE¹⁵. Está em seu último ano na escola. As vivências nos espaços por onde circula, os dilemas da fase em que se encontra, tudo isso aparece no seu desenho. Sempre com seu estilo próprio.



Figura 13 - Desenho de Joel, tamanho A2.

¹⁵ Programa de Trabalho Educativo, estratégia educacional que busca promover uma relação direta do aluno aprendiz com o mundo do trabalho.

Espaço Especial

*“Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me organizando posso desorganizar.”*
Chico Science, Da Lama ao Caos, 1994.

Num terceiro momento, que chamamos de espaço especial, abordamos questões das diferenças e do respeito às mesmas, da potência de cada indivíduo, da riqueza das subjetividades, do dinâmico que é trabalhar a educação especial em detrimento da educação regular.

Acredito que pelo fato de ter vivência prévia, nas artes e em espaços de subjetivação, minha relação com esses alunos ocorreu com rápida vinculação, já de início, e com certo sentimento de pertencimento, podendo assim valorizar esse Espaço Especial.



Figura 14 - Corredor "Galeria" da Escola Elyseu.

Ao circular pela Escola Elyseu semanalmente, comecei a reparar que sempre havia trabalhos expostos nos corredores. Quando passávamos juntos, Ernani sempre fazia pra mim uma espécie de mediação dos trabalhos das paredes. E aquelas produções davam lugar a outras e essas trocas eram constantes. Me dei conta que aqueles corredores faziam as vezes de galerias de arte e, por que não, a escola como um todo um Museu. Foi então que lembrei do Museu Vivo de Engenho de Dentro, uma exposição realizada no Museu de Imagens do Inconsciente, fundado em 1952 pela Dra. Nise da

Silveira. O Museu é compreendido como um Museu Vivo, pois as obras não param de ser produzidas. Esse mesmo conceito pode ser aplicado à Oficina de Criatividade do Núcleo de Artes Expressivas Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro. E cometo aqui a ousadia de dizer que a Escola Elyseu pode ser considerada também um Museu Vivo, assim como outras escolas que desenvolvam proposta similar.



Figura 15 - Trabalhos expostos no refeitório da Escola Elyseu

Podemos dizer ainda que na ideia de Museu Vivo temos o encontro dos caminhos do Espaço Físico, Espaço Artístico e do Espaço Especial.

Victor entrou na escola no corrente ano, talvez por isso sua timidez em sala de aula. Quietos, inerte, sem reações tanto verbalmente como na questão corporal. Qual foi minha surpresa ao vê-lo no recreio brincando ativamente no pátio da escola, de maneira despojada, com desenvoltura ao interagir com os brinquedos do pátio, porém com pouca interação com seus pares. O que me leva a crer que, além de uma possível timidez dentro da sala de aula em função da proximidade com os novos colegas e com o professor, a própria arquitetura da sala, o "entre quatro paredes", o oprima. Portanto, este deslocamento entre espaços é potente para Victor, desde que se tenha um olhar sensível e atento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata de educação e, principalmente educação especial, nunca teremos respostas definitivas, mas é importante estarmos sempre questionando. No entanto, durante o ano foi possível, a partir das práticas de estágio e da escrita do TCC, levantarmos alguns apontamentos e reflexões.

Ao finalizarmos esse processo, podemos perceber que de fato, a questão do espaço interfere no ensino de artes em uma escola especial. Assim como certamente afeta o ensino de outras disciplinas e também na educação regular. Algo que não é perceptível de imediato, mas está sempre presente. É um propulsor para desenvolver um bom trabalho, como também pode vir a ser um complicador.

Por isso vemos, na educação especial e nesse olhar atento e sensível do educador às ideias relativas ao espaço, uma grande importância. Da mesma forma que a qualificação desse educador torna-se imprescindível e, portanto, as instituições formadoras também devem ter este olhar. No caso da Licenciatura em Artes Visuais, um caminho é justamente o Estágio de Licenciatura em escolas especiais e, por que não, em outros lugares como abrigos, centro comunitários, hospitais, presídios.

Há de se reconhecer também o bom trabalho desenvolvido pelos profissionais da Escola Elyseu, através especialmente da figura do professor Ernani Chaves, que me acolheu e me deu supervisão durante o estágio, mas também de toda equipe de trabalhadores da escola. Sabemos o quanto é difícil trabalhar com educação e quando tratamos da educação especial, ao acrescentarmos o viés da saúde, o quadro fica mais complexo.

A Escola Elyseu está constantemente se reconfigurando, buscando uma evolução, como haveria de ser qualquer instituição de ensino, mas normalmente não temos visto esse movimento. Possui uma Sala de Artes generosa, com um espaço pensado para tal fim, e que possibilita as condições necessárias para o desenvolvimento das atividades.

Mas também sofre com problemas estruturais básicos, tratando-se de uma escola pública, como falta de materiais (que tem um lado bom ao nos forçar uma reinvenção com criatividade para realizar as aulas), além, por exemplo, de paralisações dos funcionários (luta com a qual simpatizo e incentivo). Porém, na prática, tais problemas interferiram pouco no desenvolvimento da minha prática de estágio. Como, por exemplo, (por questões burocráticas, econômicas ou de recursos humanos) na impossibilidade de realizar uma saída da escola com os alunos para visitar uma exposição de arte. No entanto, não comprometendo nossa prática, apenas nos fazendo traçar nova rotas.

A Escola Elyseu está viva, sempre com trabalhos, produzidos por seus alunos, expostos nos corredores. Com um incipiente mas potente acervo artístico. É aí que chegamos na ideia conceitual de Museu Vivo, remetendo ao Museu de Imagens do Inconsciente do Rio de Janeiro. Pois ao mesmo tempo que aqueles sujeitos criam, suas criações são mostradas, no mesmo lugar onde estão criando. Enfim, é uma reflexão que considero válida. Pensar a Escola Elyseu a partir da perspectiva de Museu Vivo é, portanto, cruzarmos as ideias de Espaço Físico, Espaço Artístico e Espaço Especial.

Com a escrita, pudemos também nos aproximar de algumas características e colocar uma lente de aumento em alguns alunos. Através do biografematizar, que me permitiu fazer "pequenas biografias" dos encontros; do janelar, que me fez refletir e buscar trilhar um caminho não óbvio; do desenhar e do vivenciar cada semana naquele cenário e com personagens especiais.

Vimos também o quanto é importante para o educador de artes ser artista e ter experiências como tal. Ter repertório, bagagem, plano "A", "B" e "C". Além de uma postura ativa em sala de aula. É o que o professor Ernani faz e o que eu tentei fazer durante 2015, sempre aprendendo muito em todas situações.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao Método Biografemático. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: [S.n.], 2010b. P. 85-107.

COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como Estratégia Biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. UFRGS: 2010. Tese de Doutorado.

_____. Biografias (im)possíveis: o problema da escritura biográfica em oito atos. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Fantasias de Escrita: filosofia, educação, literatura**. Porto Alegre: 2010, v. 1, p. 103-113.

_____. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista Digital do LAV** - Santa Maria - vol.7, n.2, p. 66-77 - mai./ago. 2014.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

EMEEF PROFESSOR ELYSEU PAGLIOLI. Disponível em: <<http://elyseu.blogspot.com.br/p/programa-de-trabalho-educativo-pte.html>>. Acesso em 02 dez. 2015.

EPIDEMIA DE CORES. Disponível em: <<http://www.epidemiadecores.com/#!filme/c10fk>>. Acesso em 26 nov. 2015.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 4. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DUARTE, Paulo Sérgio (Org.). **Da Escultura à Instalação**. Coleção Histórias da Arte e do Espaço - 5ª Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2005.

FONSECA, Tania Mara Galli. Escritas em Azul. In: FARINA, Juliane Tagliari; GARAVELO, Leonardo Martins Costa; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Exercícios de uma Literatura menor: um olhar atelial**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2014.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos - Espaço - Educação**. São Paulo: Annablume, 1994.

GUTFREIND, Celso. **Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre parentalidade**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

IABELBERG, Rosa. **O Desenho Cultivado na Infância: prática e formação de educadores**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2008.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand (1967). **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

O MUSEU VIVO DO ENGENHO DE DENTRO. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/o_museu_vivo/index.htm>. Acesso em 30 nov. 2015.

O`DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: A ideologia do espaço da arte**. Tradução de Carlos Fajardo. São Paulo: Martins Fontes, 2002. coleção a.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PÁDUA, Ligia Teresa Saramago **A “Topologia do ser” : lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2005. Tese de Doutorado.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO Sílvia (Org.). **Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia – Vol. II**. Revista Fractal, Psicologia, v. 25 – n. 2, p. 217-220 - mai./ago. 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL ESPECIAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR ELYSEU PAGLIOLI. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2011.

SARETTA, Mário Eugênio. **Epidemia de Cores (Extras) - Surgimento da Oficina de Criatividade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l57rVvEudVg>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

TIBURI, Marcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/Desenho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

TOMAZZOLI, Guadalupe Rausch. Janelar. In: COSTA, Luciano Bedin da (coord.). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: aulas da Faced, outra vez – Tomo IV**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.